

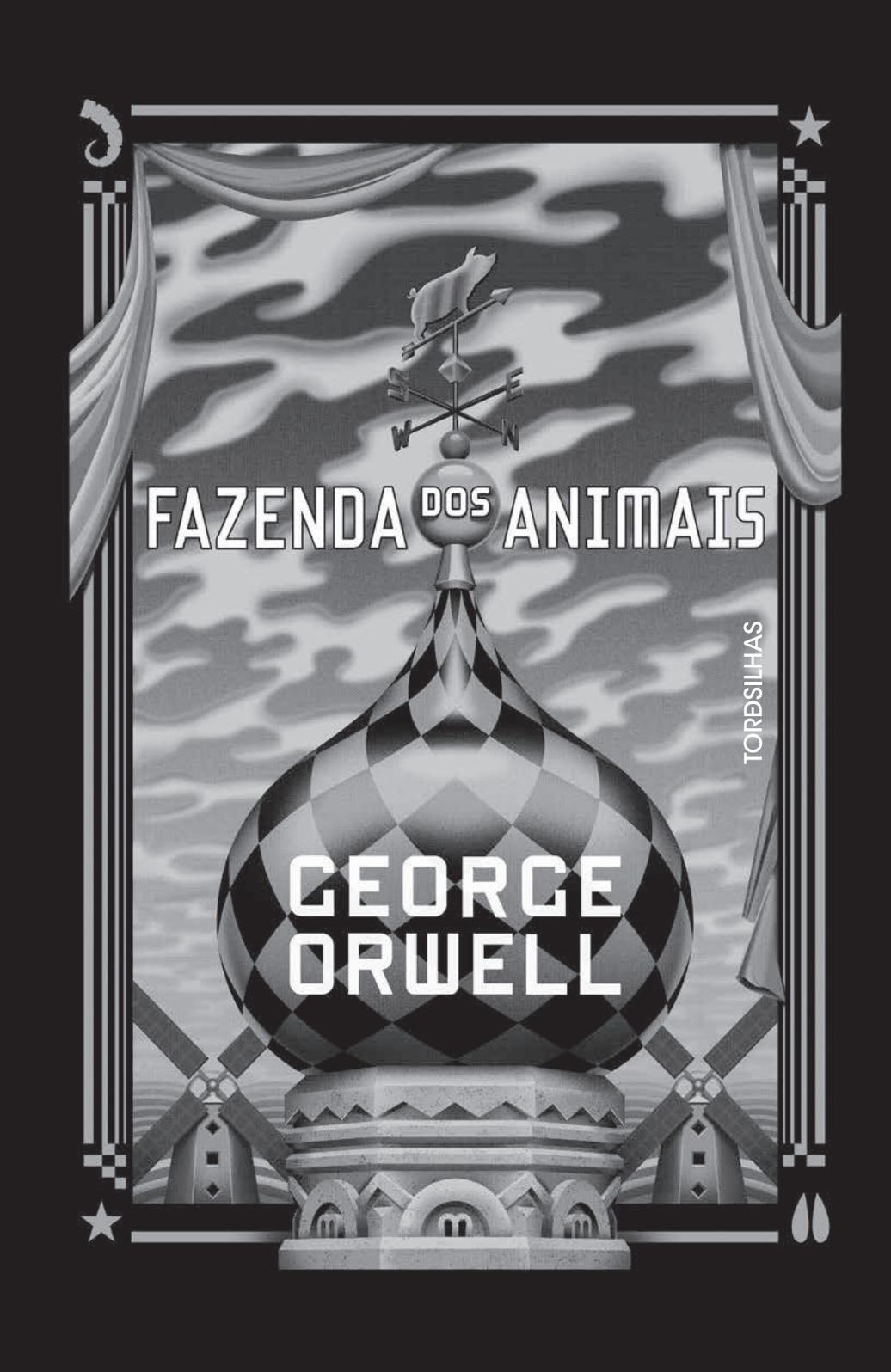




FAZENDA DOS ANIMAIS

GEORGE
ORWELL

TORBSILHAS



FAZENDA ^{DOS} ANIMAIS

GEORGE
ORWELL

TORDSILHAS

Fazenda dos animais: Uma fábula

George Orwell

TORDESILHAS

Tradução
Fernanda Cosenza

Sumário

Revolução... dos “animais”?, *por Rita von Hunty* **7**

Fazenda dos animais: Uma fábula **16**

Notas sobre a capa, *por Andy Gregg* **130**

**FAZENDA
DOS
ANIMAIS**

1 O sr. Jones, da Fazenda Palacete, tinha trancado o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar as portinholas. Com o círculo de luz da lamparina dançando de um lado para o outro, ele cambaleou pelo pátio, tirou as botas na porta dos fundos, serviu-se de um último copo de cerveja do barril na despensa e subiu para o quarto, onde a sra. Jones já estava roncando.

Assim que a última luz da casa se apagou, uma agitação e um burburinho tomaram conta de toda a fazenda. Correrá, durante o dia, a notícia de que o velho Major, um varrão premiado da raça middle white, tivera um sonho estranho na noite anterior e desejava comunicá-lo aos outros animais. Havia combinado de se reunir no grande celeiro assim que o sr. Jones estivesse fora do caminho. O velho Major (como era chamado embora tivesse competido em exposições com o nome “Beleza de Willingdon”) era tão respeitado na fazenda que todos estavam dispostos a sacrificar uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Em uma das extremidades do celeiro, sobre uma espécie de tablado, Major já estava instalado em sua cama de palha, debaixo da lamparina que pendia de uma viga. Aos doze anos, ele ultimamente se tornara um tanto corpulento, mas ainda era um porco de aparência majestosa, com um ar sábio e benevolente, embora ainda tivesse as presas, que nunca tinham sido cortadas. Os outros animais logo começaram a chegar e se acomodar, cada um à sua maneira. Primeiro, vieram os três cachorros, Belinha, Julieta e Mocotó; em seguida os porcos, que se posicionaram sobre a palha bem em frente ao tablado. As galinhas se empoleiraram nos peitoris das janelas, os pombos voaram até a cumeeira, as ovelhas e as vacas se deitaram atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Hércules e Fortunata, vieram

juntos, andando bem devagar e pousando seus enormes cascos peludos com muito cuidado para o caso de haver algum animal pequeno oculto na palha. Fortunata era uma égua robusta e maternal já próxima da meia-idade e nunca chegara a recuperar a forma após o nascimento do quarto potro. Hércules era uma criatura enorme, tinha quase um metro e oitenta de altura e a força de dois cavalos. Uma listra branca no focinho conferia-lhe um ar meio estúpido, e, de fato, ele não era lá muito inteligente, mas era muito respeitado pela firmeza de caráter e pela disposição descomunal para o trabalho. Depois dos cavalos, veio Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o jumento. Benjamin era o animal mais velho da fazenda, e o de pior temperamento. Raramente falava e, quando o fazia, em geral, era para proferir algum comentário cínico – por exemplo, dizia que Deus lhe dera um rabo para espantar as moscas, mas que preferiria não ter o rabo nem as moscas. Na presença dos outros animais da fazenda, ele nunca ria. Se alguém lhe perguntasse o porquê, afirmava não haver motivo para graça. Mesmo assim, embora não admitisse, gostava de Hércules; os dois costumavam passar os domingos juntos no pequeno cercado atrás do pomar, passando lado a lado em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma ninhada de patinhos órfãos adentrou o celeiro em fila indiana, grasnando baixo à procura de um lugar em que não fossem pisoteados. Fortunata fez uma espécie de parede ao redor deles com a grande pata da frente, formando um semicírculo no qual os patinhos se aconchegaram e rapidamente adormeceram. No último momento, Antonieta, a égua branca bonita e tola que puxava a charrete do sr. Jones, entrou saltitando com um passo delicado, mastigando um torrão de açúcar. Pegou um lugar na frente e começou a balançar a

crina para que todos reparassem nas fitas vermelhas que a adornavam. Por último, entrou a gata, que, como sempre, ficou olhando em volta à procura do lugar mais quentinho, até, por fim, espremer-se entre Hércules e Fortunata; dali, ficou ronronando com satisfação durante todo o discurso de Major sem ouvir uma palavra do que ele dizia.

Todos os animais agora estavam presentes, exceto Moisés, o corvo, que dormia num poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Major viu que todos estavam acomodados e aguardando com atenção, limpou a garganta e começou:

“Camaradas, vocês já sabem que tive um sonho estranho ontem à noite. Mas falarei dele daqui a pouco. Tenho outra coisa para dizer primeiro. Eu não acho, camaradas, que me restam muitos meses ao lado de vocês e, antes de morrer, sinto o dever de passar minha sabedoria adiante. Tive uma vida longa, com muito tempo para pensar deitado sozinho na minha baía, e acredito compreender a natureza da vida nesta terra tanto quanto qualquer outro animal que hoje vive. É sobre isso que eu desejo falar a vocês.

“Pois bem, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Sejamos sinceros: nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nascemos, recebemos o tanto de comida necessário para nos manter de pé, aqueles de nós capazes de trabalhar somos explorados até o último fiapo de nossas forças e, no exato instante em que deixamos de ser úteis, somos abatidos com terrível crueldade. Nenhum animal da Inglaterra sabe o que significa a felicidade ou o lazer após completar um ano de idade. Nenhum animal da Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua.

“Mas será isso simplesmente parte da ordem natural da nossa existência? Será porque esta nossa terra é tão pobre

que não pode oferecer uma vida decente a todos aqueles que nela habitam? Não, camaradas, mil vezes não! A Inglaterra tem solo fértil e clima bom, é capaz de produzir comida em abundância para um número de animais infinitamente maior do que hoje habita aqui. Esta nossa fazenda, sozinha, poderia sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas – e todos vivendo com um conforto e uma dignidade que mal podemos imaginar. Por que então permanecemos nestas condições miseráveis? Porque quase todo o produto do nosso trabalho é roubado de nós pelos seres humanos. Essa, camaradas, é a resposta para todos os nossos problemas. Resumida em uma única palavra: Homem. O Homem é o nosso único e verdadeiro inimigo. Tire o Homem de cena e a raiz mais profunda da fome e do excesso de trabalho será erradicada para sempre.

“O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não consegue correr rápido o bastante para pegar coelhos. Ainda assim, é o senhor de todos os animais. Ele nos bota para trabalhar, nos dá em troca o mínimo para que não passemos fome e, o restante, guarda para si. Nosso trabalho prepara o solo, nosso esterco o fertiliza, e, ainda assim, nenhum de nós possui muito mais do que a própria pele. Vocês, vacas diante de mim, quantos milhares de litros de leite produziram no último ano? E o que aconteceu com esse leite que deveria estar engordando bezerros robustos? Desceu pela garganta dos nossos inimigos, até a última gota. E vocês, galinhas, quantos ovos puseram no ano que passou, e quantos desses ovos foram chocados e se tornaram pintinhos? O restante foi todo para o mercado a fim de trazer dinheiro para Jones e seus homens. E quanto a você, Fortunata, onde estão aqueles quatro potros que você pariu,

que deveriam ser fonte de apoio e de alegria na sua velhice? Todos vendidos com um ano de idade – você jamais verá nenhum deles outra vez. Em retribuição pelos quatro partos e por todo o seu trabalho no campo, o que você recebeu além da parca ração e de uma baía?

“E mesmo a vida miserável que levamos não pode chegar ao fim de maneira natural. Não lamento por mim, pois sou um dos que tiveram sorte. Tenho doze anos e gerei mais de quatrocentos filhos. Assim é a natureza de um porco. Mas, no fim, nenhum animal escapa da crueldade da faca. Leitõezinhos diante de mim, dentro de um ano, cada um de vocês irá guinchar no cepo. Esse horror chega para todos – vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Mesmo os cavalos e os cachorros não têm destino melhor. Você, Hércules, no dia em que esses seus belos músculos perderem a força, Jones irá vendê-lo para o carnicheiro, que cortará sua garganta e irá fervê-lo para dar de comer aos cães de caça. Quanto aos cachorros, quando estão velhos e banguelas, Jones amarra-lhes um tijolo ao pescoço e afoga-os no lago mais próximo.

“Pois não está claro como o dia, camaradas, que todos os males desta nossa vida advêm da tirania dos seres humanos? Basta nos livrarmos do Homem para que o produto do nosso trabalho nos pertença. Da noite para o dia, nos tornaríamos ricos e livres. Então, o que devemos fazer? Ora, trabalhar dia e noite, de corpo e alma, pela deposição da espécie humana! Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Rebelião! Não sei quando essa Rebelião acontecerá, se dentro de uma semana ou de cem anos, mas sei, com a mesma certeza com que piso a palha sob meus pés, que mais cedo ou mais tarde a justiça será feita. Concentrem-se nisso, camaradas, pelo restante de sua curta vida! E, acima de tudo, passem esta minha mensagem àqueles que vierem

depois, de modo que as futuras gerações deem continuidade à luta até a vitória.

“E lembrem, camaradas, que sua determinação não deve jamais fraquejar. Não se deixem dissuadir por nenhum argumento. Não deem ouvidos quando lhes disserem que o Homem e os animais têm interesses em comum, que a prosperidade de um é a prosperidade dos demais. É tudo mentira. O Homem não serve aos interesses de criatura alguma a não ser aos próprios. Que exista entre nós, animais, uma perfeita união, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.”

Nesse momento, explodiu um tremendo escarcéu. Enquanto Major falava, quatro ratazanas tinham saído de seus buracos e estavam sentadas sobre as patas traseiras, ouvindo o discurso. Os cachorros, então, se deram conta da presença delas, e as ratazanas só conseguiram se salvar porque correram até os buracos de onde tinham saído. Major levantou uma das patas, pedindo silêncio.

“Camaradas”, ele disse, “eis um ponto a ser definido. Os bichos selvagens, como os ratos e os coelhos, são nossos amigos ou inimigos? Façamos uma votação. Proponho a questão aos presentes: os ratos são camaradas?”

A votação ocorreu na mesma hora, e ficou decidido, pela maioria esmagadora, que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes: os três cachorros e a gata, que tinha votado pelos dois lados, como, no fim das contas, descobriu-se. Major continuou:

“Não tenho muito mais a dizer. Simplesmente repito: lembrem-se sempre do seu dever de hostilidade para com o Homem e todos os hábitos dele. Tudo que anda sobre duas pernas é inimigo. Tudo que anda sobre quatro

pernas ou tem asas é amigo. E lembrem também que, na luta contra o Homem, não devemos nos assemelhar a ele. Mesmo quando tiverem triunfado, não adotem os maus hábitos do Homem. Nenhum animal deve jamais morar numa casa, nem dormir numa cama, nem vestir roupas, nem beber álcool, nem fumar tabaco, nem tocar em dinheiro, nem se envolver com o comércio. Todos os costumes do Homem são perversos. E, acima de tudo, nenhum animal jamais deve tyranizar os seus iguais. Fracos ou fortes, espertos ou simplórios, somos todos irmãos. Nenhum animal jamais deve matar outro animal. Todos os animais são iguais.

“E agora, camaradas, contarei sobre o meu sonho da noite passada. Não consigo descrever o que vi. Sonhei com a terra como ela será quando o Homem tiver desaparecido. Mas me lembrei de algo que já esquecera há tempos. Muitos anos atrás, quando eu era um leitãozinho, minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma velha canção embora soubessem apenas a melodia e as primeiras três palavras. Eu ouvia essa canção na infância, mas havia muito me fugira da memória. Na noite passada, porém, ela voltou a mim durante o sonho. E a letra também – palavras que, tenho certeza, eram cantadas pelos animais de outrora e ficaram perdidas por gerações. Cantarei essa canção agora para vocês, camaradas. Estou velho, e minha voz está rouca, mas, quando aprenderem a melodia, poderão cantá-la ainda melhor. Ela se chama ‘Feras da Inglaterra’.”

O velho Major limpou a garganta e começou a cantar. Como dissera, a voz saiu rouca, mas ele até que cantou bem, e a música era contagiante, algo entre “Ó, querida Clementina” e “La Cucaracha”. Os versos diziam:

*Feras da Inglaterra, feras da Irlanda,
Bichos da terra e do ar,
Eu lhes trago as boas novas
Do futuro que virá.*

*Cedo ou tarde, o dia chega,
O tirano há de tombar,
E, nos campos da Inglaterra,
Só os bichos vão pisar.*

*No nariz não mais argola
Nem nas costas o arreio,
Espora enferrujada,
Chicote partido ao meio.*

*Imagine a riqueza,
Milho, feno, aveia e trigo,
O feijão e a cevadinha;
Tudo nosso, meu amigo.*

*Nestes campos da Inglaterra,
Correrá a água pura,
E a brisa será fresca
Quando finda a ditadura.*

*Até a morte lutaremos,
Juntos na fraternidade;
Seja ganso ou cavalo,
Todos pela liberdade.*

*Feras da Inglaterra, feras da Irlanda,
Bichos da terra e do ar,*

*Espalhai as boas novas
Do futuro que virá.*

A cantoria deixou os animais na maior excitação. Pouco antes de Major chegar ao fim, todos já estavam cantando também. Até mesmo os mais estúpidos conseguiram pegar a melodia e alguns dos versos, enquanto os espertos, como os porcos e os cachorros, já tinham memorizado toda a canção em poucos minutos. E então, depois de algumas tentativas, a fazenda inteira irrompeu cantando “Feras da Inglaterra” num poderoso uníssono. As vacas mugiam, os cachorros uivavam, as ovelhas baliavam, os cavalos relinchavam e os patos grasnavam. Estavam tão maravilhados com a canção que a repetiram cinco vezes seguidas e talvez varassem a noite inteira se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, a algazarra acordou o sr. Jones, que pulou da cama, certo de que havia uma raposa no quintal. Agarrou a espingarda que sempre mantinha no canto do quarto e disparou uma rajada de tiros na escuridão. Os estilhaços de chumbo ficaram cravados na parede do celeiro, e a assembleia rapidamente se dispersou. Cada um correu para o seu local de descanso. Os pássaros pularam em seus poleiros, os animais se ajeitaram na palha, e a fazenda inteira adormeceu num instante.

Copyright © 2021 Tordesilhas

Título original: *Animal Farm*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

PROJETO GRÁFICO Amanda Cestaro

ARTE DO BOX Andy Gregg

CAPA Amanda Cestaro e Maju Oliveira a partir de arte de Andy Gregg

PREPARAÇÃO Carolina Forin

REVISÃO Cintia Oliveira e Mariana Rimoli

1ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950

Fazenda dos animais / George Orwell ; tradução Fernanda Cosenza. --
São Paulo : Tordesilhas, 2021.

Título original: *Animal farm*

ISBN 978-65-5568-043-0

1. Ficção inglesa I. Título.

21-81189

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br



/Tordesilhas



/Tordesilhaslivros



/SeloTordesilhas



/eTordesilhas

blog.tordesilhaslivros.com.br

Este livro foi composto com as famílias tipográficas Eskorte
Latin para os textos e Poster Gothic ATF para os títulos.
Impresso para a Tordesilhas Livros em 2021.



978 65 5568 043 0



Quando o sr. Jones, da Fazenda Palacete, sofre um golpe articulado pelos animais e é expulso de suas terras, o futuro pós-rebelião parece promissor e igualitário para porcos, cachorros, cavalos, ovelhas, vacas e galinhas. Mas os porcos Napoleão e Bola de Neve estão dispostos a aproveitar o vácuo de poder e assumir a liderança da fazenda. Aos poucos, a briga pelo controle começa a levantar a questão: o que, afinal, diferencia animais de humanos?

Fazenda dos animais é a alegoria política mais famosa do século XX. Nesta fábula escrita em 1945, George Orwell mais uma vez usa seu talento para criticar a época em que viveu – enquanto nos faz observar o que há de mais sombrio em nosso próprio tempo.

TORDSILHAS

